Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte FSP
Data 18/12/99 Pg 5-1, 4 e 5
Class. Ticuna 321

folhinha

5º caderno ★ Página 1 ★ São Paulo, sábado, 18 de dezembro de 1999 ★ Nº 1.894
★ Um jornal a serviço da criança
Telefone: 0/xx/11/224-3147. Fax: 0/xx/11/223-1644.
E-mail: folhinha@uol.com.br

Crianças ticunas no Alto Solimões

Foto Patrícia Santos/Folha Imagem

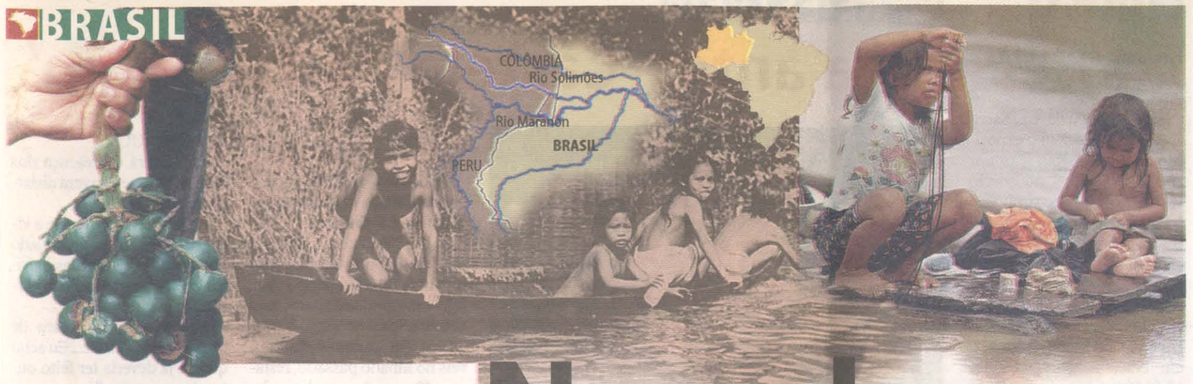
Capa Editoria de Arte/Folha Imagem

Caçar, comer, brincar, catar piolho

Acompanhe a aventura da equipe da Folha pela selva amazônica e conheça a vida dos índios ticunas

Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte fsp
Data 18/12/99 Pg 5-4/5
Class. 321



Na selva com os ticunas

ELVIRA LOBATO
enviada especial ao Alto Solimões

Conhecer os índios ticunas e passar quatro dias entre eles foi uma das melhores coisas que me aconteceram como repórter. Quer saber por quê?

Então me acompanhe nesta aventura. Conheci os ticunas por acaso, durante uma viagem à cidade de Tabatinga, na região amazônica conhecida como Alto Solimões —na fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia— para fazer uma reportagem sobre tráfico de cocaína.

Infelizmente, a Amazônia vem sendo usada por criminosos que vendem cocaína. Eles apanham a droga na Colômbia e no Peru e levam para os Estados Unidos e Europa por aviões e navios que passam pela Amazônia. Os traficantes constroem pistas de pouso clandestinas na mata e até em reservas indígenas para reabastecer os aviões.

Policiais federais que iam procurar pistas clandestinas na floresta me convidaram para ir junto com eles. Eu e a repórter fotográfica, Patrícia Santos, topamos na hora.

Para entrar na floresta amazônica, nós, que moramos nas cidades, precisamos tomar algumas providências: comprar repelentes de mosquitos, botas, chapéus, lanternas e redes para dormir. É importante que as redes tenham mosquiteiros, ou seja, véus que impedem a aproximação de insetos durante a noite. Os mosquitos que vivem na floresta amazônica, como tudo o que há por lá, são de tamanho exagerado. Alguns possuem um ferrão capaz de ultrapassar nossa roupa, até a calça jeans.

A viagem

Começamos nossa viagem pela selva subindo o rio Solimões. Os policiais estavam armados com fuzis e metralhadoras, para a eventualidade de encontrarem traficantes, e vestiam uniformes com estampa de camuflagem, para se confundirem com a mata.

O rio Solimões é muito largo e assusta à primeira vista, por causa da água barrenta e da força da correnteza. Os ticunas vivem nas margens do Solimões e de seus afluentes *(rios menores que deságuam nos rios principais)*. Há 33 mil ticunas vivendo atualmente em 114 aldeias por lá. O rio Solimões é rico em peixes, e os preferidos dos ticunas são o tambaqui e o tucunaré.

Tempero ticuna

Os índios temperam o peixe com sal e urucum (uma sementinha vermelha que eles também usam para pintar o corpo) e o assam embrulhado na folha de bananeira.

Não é história de pescador o que vou contar: o churrasco de costela de tambaqui é o prato mais famoso do Amazonas. Os índios comem o peixe com farinha de mandioca brava. Não se pode comer essa mandioca cozida ou frita porque é venenosa, mas ela dá uma farinha de cor amarela, muito gostosa, que pode ser comida sem problema.

Vida ligada ao rio

A vida dos índios ticunas é ligada à água e à floresta. Por isso eles constroem suas aldeias nas margens dos rios.

Eles escolhem um barranco bem alto para construir as aldeias e fazem as casas sobre estacas de madeira. Tanto cuidado é porque o rio enche durante alguns meses do ano, e a água cobre os barrancos e chega a entrar nas casas.

Os rios são as estradas da florestas, porque quase não há rodovias por lá. Os índios usam canoas com um pequeno motor, que eles chamam de rabeta. O tempo todo há famílias subindo e descendo os rios em rabetas, que fazem um ruído seco: tá, tá, tá, tá. Eles medem as distâncias por horas ou dias de viagem em rabeta.

Do rio Solimões, nossa equipe, eu e a fotógrafa, entrou nos rios Jacupará e Acuruí. Aí visitamos as aldeias Bom Pastor, Nova Itália, Nova Galiléia e Niterói. Os índios têm nomes na língua ticuna e em português. Vamos usar os nomes em português, para ficar mais fácil de ler.

Programa de índio

A gente costuma usar a expressão "programa de índio" para dizer que uma coisa é chata, mas o verdadeiro programa de índio é divertido, sobretudo o das crianças.

Na aldeia Bom Pastor, onde vivem 170 índios, o cacique Damião Carvalho Neto nos conta que, aos 3 anos, as crianças sabem remar e nadar. As meninas ajudam as mães, cuidando dos irmãos menores e lavando a roupa no rio. Os meninos ajudam os pais na pesca e nas roças de mandioca. O dia deles começa bem cedo. Mal o sol nasce, as crianças saem de casa.

Enquanto as mães fazem farinha, as meninas lavam as roupas no rio. Elas batem na roupa com um pedaço de pau para tirar a sujeira e depois a esfregam com um pouco de sabão. É preciso mergulhar as roupas várias vezes no rio para deixá-las bem limpinhas e depois torcê-las para que sequem mais rápido.

Quando já está tudo limpo e torcido, as meninas penduram as roupas no varal e vão brincar um pouco com as amiguinhas, levando junto os irmãos menores. Elas adoram subir em árvores, correr e brincar com bonecas que as mães delas fazem.

Na aldeia Bom Pastor, as crianças jogam vôlei e futebol, mas nem todas as comunidades praticam esses esportes.

O futebol é proibido em algumas aldeias católicas que seguem uma igreja muito rigorosa chamada Ordem da Santa Cruz.

Bilboquê

Um brinquedo típico dos meninos ticunas é o bilboquê, feito com semente do coquito. O bilboquê é um pauzinho amarrado a uma bola com um furo no meio.

A brincadeira consiste em encaixar o pauzinho no furo da bola. No brinquedo dos ticunas, a bola é substituída pela semente.

Comer, comer

Faustino, 14, Janete, 9, Zebedeu, 13, e Elizabete, 11, vivem na aldeia Bom Pastor.

Eles não falam português, mas o cacique Damião traduziu nossa entrevista com eles.

As crianças disseram que, além de banana e melancia, adoram três frutas do Amazonas: pupunha, mapati e abiu, que são mesmo gostosas.

Elas contaram também que comem peixe e farinha todos os dias e que são fãs de beiju de mandioca *(um tipo de biscoito)* e de mingau de banana.

Hora de catar piolhos

Dormimos na aldeia Nova Galiléia, e foi uma aventura e tanto. A aldeia fica na margem do rio Acuruí e é pequena. Apenas 36 pessoas moram lá. Quando chega uma pessoa de fora a uma aldeia ticuna, os índios abandonam o que estão fazendo para ficar olhando o estranho.

Se você vai fazer xixi no mato, eles o seguem. Se vai ler um livro, eles ficam em seu redor olhando as letras, como se entendessem o que está escrito.

Mas, se você tenta puxar conversa, eles riem e saem correndo para retornar em seguida. São tímidos, mas acham graça de tudo.

As meninas, que têm cabelos compridos, passam horas catando piolho umas das outras. As mulheres adultas também catam piolhos umas das outras. A hora preferida de catar piolhos é de manhã, quando o sol está fraquinho.

Vá caçar macaco

Caçar e cuidar da roça são as atividades preferidas dos ticunas. A caça permite que eles variem um pouco o cardápio e não fiquem comendo apenas peixe com farinha.

O cacique Cristóvão Pereira Francisco, da aldeia Nova Galiléia, conta que o macaco e a anta são suas caças preferidas.

Os índios caçam as antas nos igarapés *(rios mais estreitos)* e conhecem os esconderijos delas.

As antas chegam a pesar mais de cem quilos.

Quando perguntei a um menino se ele gostava da carne da anta, ele abriu um sorriso e respondeu: "Adoro".

Quando há macaco na panela, as crianças comemoram. Os homens caçam o macaco e tiram a pele dele.

As mulheres cozinham a carne em água com sal e outros temperos.

Para acompanhar a carne de macaco, nada melhor, segundo o cacique Cristóvão Pereira, do que mingau de banana. Os dentes dos macacos são usados para fazer colares.

Escolas bilíngües

Para preservar a cultura ticuna, as crianças são alfabetizadas primeiro na língua delas. Existem 280 professores índios que ensinam em língua ticuna no Amazonas.

Um desses professores é Limberdes Dionísio Fidélis, que mora na aldeia chamada Nova Vila de Santa Rita do Weill, na margem no rio Jacupará, no meio da floresta.

Nessa aldeia, 90 crianças, da 1ª à 4ª série, estão sendo alfabetizadas na língua ticuna.

Ticunas e "civilizados"

Ao lado da aldeia, moram nativos da floresta que só falam português.

Eles têm a aparência igual à dos índios e preparam o peixe da mesma forma que eles. Mas fazem questão de dizer que não são índios e se chamam de "civilizados".

De vez em quando, há conflitos entre os ticunas e os "civilizados".

No final de setembro, as professoras da escola Lauro Castelo Branco, que fica na comunidade vizinha à aldeia, fizeram uma festa que terminou em briga.

A professora Grace Kátia Costa, que dá aula para as 5ª e 6ª séries, diz que algumas crianças ticunas estudam na escola porque os pais acham que elas terão um futuro melhor se forem alfabetizadas em português.

Segundo a professora, os ticunas são alunos muito estudiosos, e alguns caminham mais de uma hora na floresta para freqüentar a escola.

Crianças ticunas e desenhos de curumins dessa tribo, com casa típica à direita

Fotos Otavio Dias de Oliveira/Cesar Itiberê/Patrícia Santos/Monique Deheinzelin/Folha Imagem e Reuters (fotos das antas)